

'EU ME SUCUMBO, EU ME ABISMO' - REFLEXÕES SOBRE O (DES) ENCONTRO AMOROSO NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DA PSICANÁLISE, DA LITERATURA E DO CINEMA

Aline Guimarães Bemfica¹
Andréa Martello²

RESUMO:

Apresentamos neste ensaio o tema da adolescência a partir da relação entre traumatismo e puberdade. Partindo das reflexões sobre o filme “La belle personne”, de Christophe Honoré (2008), realizamos uma leitura sobre o desamparo, a fascinação e o suicídio articulados ao encontro amoroso. Este artigo é sustentado teoricamente pela abordagem freudiana do tema do estranho em direção à formulação lacaniana da ideia de 'sombra errante do eu' e do conceito de objeto *a*. Entendemos que o desamparo e o objeto *a* podem ser lidos como dois nomes do trauma em psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Puberdade; trauma; estranho; desamparo; encontro amoroso

SUMMARY:

We present in this essay the theme of adolescence from the perspective of the relationship between trauma and puberty. Starting from some reflections about Christophe Honoré's movie "La belle personne" (2008), we make a reading on helplessness, fascination and suicide regarding the amorous encounter, taking as reference the Freudian concept of puberty as time of recovery of the lost object. This essay bears upon the Freudian concept of the uncanny and the Lacanian formulation of the objet petit *a*. We understand that helplessness and objet petit *a* may be read as two different names for trauma in psychoanalysis.

KEY WORDS: Puberty; trauma; uncanny; helplessness; amorous encounter

¹ Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Letras – Estudos Literários/Universidade Federal de Minas Gerais

² Psicanalista. Profa. Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Profa. Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ).

O amor, também ele, como o espelho e como a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a como se numa caixa, tranca-a em uma sela. É por isso que ele é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça de morte, e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está aqui. Utopia do corpo-ilusão do espelhoameaça de morte. Salvação pelo corpo

Michel Foucault

Não é incomum na adolescência e seus enlances amorosos, ou no (des) encontro entre-dois, que os jovens se confrontem com a presença do intraduzível do desejo do outro. O caráter intraduzível do querer ou não do outro é correlativo à produção de uma lacuna no campo da significação que o sujeito construiu sobre si e seu lugar próprio no mundo. É, neste sentido, que a presença do outro amoroso pode desestabilizar as referências simbólicas já construídas, atualizando a presença de elementos subjetivos e inconscientes não sondados pelo sujeito. Assim, o (des) encontro amoroso pode ser um disparador de uma forte inquietude na vida de alguns adolescentes produzindo, como consequência, atos que, precipitadamente, colocam a vida em risco ou em fugas e errâncias³.

'Que valor tem para ti meu desejo?', insere Lacan (LACAN, p. 182, 1964) ao afirmar que a universalidade dessa questão não apaga as particularidades e singularidades de cada um. Será que meninos e meninas fogem se arriscam pelas mesmas locuras? Piram no desejo e por amor da mesma maneira? Em todo caso, salvaguardadas as diferenças, se coloca em questão a verdadeira razão do querer ou não do outro. E o querer do outro é sempre confuso para o sujeito, também esparso e, até mesmo, incerto. Mas, especialmente, o desejo do outro é enigmático, visto que

³ A esse respeito ver 'Adolescência: a mais delicada das transições. Entre fugas e errâncias', de Philippe Lacadée, 2011.

inclui o território do *isso* (inconsciente) apresentando a tensão dialética no campo amoroso.

Isso significa que no campo amoroso, no encontro de dois, não deixamos de ser marcados pelo que em nós faz Um, nossa singularidade, nossa diferença. Ou seja, cada um de nós está sempre restrito ao seu quadrado. Mas não sem suas linhas de fuga. Na leitura psicanalítica, a singularidade de cada um diz d' *isso: como* cada um se relaciona com a sua fantasia n'a cena ou no enredo de sua história sempre um pouco mal-dita.

No campo amoroso e no território das angústias juvenis, apresentamos três referências aqui trabalhadas: a sombra errante do eu articulada ao espelho, a morte e a alteridade; o desejo de ser amado e impossibilidade da relação simétrica entre um e outro. Partimos do fato de que os territórios singulares de uns e outros, mesmo no campo do amor, não fazem Um. O Um é território da miragem da paixão. Nesse sentido, o Um diz respeito à ilusão do amor, a perda de si no outro e à alienação.

Desta forma, a violência do encontro amoroso converge em direção à radicalidade da ilusão do amor, apresentada por Jacques Lacan a partir da pergunta: “Do que se trata então no amor? (...) o amor, será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o Um?” (LACAN, p. 13, 1972-73).

A partir dessas considerações iniciais, trabalharemos com algumas noções psicanalíticas que lançam luz sobre a temática do amor e do desamparo. Nosso ponto de partida são as ressonâncias produzidas em nós pelo filme 'La Belle Persone'⁴, dirigido por Christophe Honoré (2008), traduzido como 'A bela Junie'.

⁴ O filme “La belle personne”, de Christophe Honoré, é baseado na novela de Marie Madeleine de La Fayette (1768). Trata-se nesta novela da referência ao amor cortês marcado pela impossibilidade. Seguindo os preceito maternos nossa jovem enamorada entendia, tal como ensinara sua mãe, que o território do amor era perigoso, devido a forte inquietude que causava. O amor era, portanto, uma paixão a ser combatida.

Neste filme se apresentam os seguintes elementos do amor cortês na trágica modernidade parisiense: o suicídio, a fascinação e o desamparo. No campo das descobertas juvenis, entre os muros da escola, temos a presença da linda Junie (silêncio e fuga), de seu colega de classe chamado Otto (fascinação) e de Nemours, o sedutor professor de italiano (encantamento), na composição de uma triangulação amorosa cujo desfecho é o abandono, o suicídio e a solidão.

A psicanálise freudiana leu o desamparo como a matriz da realidade psíquica do homem devido a seu desejo de ser amado. O desamparo é, assim, considerado a fonte dos motivos morais e vem acompanhada da invenção de um Deus pai e protetor (FREUD, 1895/1996). Mas ele se refere também à necessidade imperiosa que o *infans* tem do outro [Nebenmensch], seu próximo, ou seja, alguém que possa dele se ocupar, mantendo-o vivo e com possibilidades de habitar o laço social.

Entretanto, esse ser desamparado e frágil que necessita do outro para se manter vivo encontra no seu semelhante, para além do amor, a rivalidade. Pois este que o ama e que lhe oferece cuidados pode também largá-lo, não amá-lo, abandoná-lo. Ao mesmo tempo, nos primórdios da vida infantil, ali onde a criança é o objeto que obtura a falta do Outro (materno), os excessos de amor e desamor podem ser interpretados como algo desestruturante ou mesmo sufocante.

Abordamos esse tempo inicial da relação do sujeito com o desejo do outro e sua ausência, enfatizando o caráter atemporal do inconsciente. Ou seja, também no campo amoroso, para cada sujeito, suas fantasias inconscientes se atualizam, a cada vez, fora do tempo cronológico, conforme as contingências da vida. Essa atemporalidade é apresentada pelo poeta Manoel de Barros ao nos dizer que “aquele que não morou nunca em seus próprios abismos nem andou em promiscuidade com seus fantasmas, não foi marcado. Não será exposto as fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema” (BARROS, 2011).

Apresentaremos, agora, algumas considerações sobre os pilares da relação do

sujeito com o desejo do outro tal como lido pela psicanálise de Freud e Lacan. A relação entre a criança e sua mãe foi abordada por Jacques Lacan, especialmente, a partir da referência à relação especular e seu gozo característico. Pois a dificuldade de separação entre a mãe e seu filho, ou seja, a adesão ao gozo materno, pode gerar grandes dificuldades no campo relacional na vida adulta.

Por sua vez, face aos excessos que essa relação engendra e os limites que ela encontra em sua experiência, a autoridade do pai internalizada pelo *infans* veicula a transmissão de sua herança simbólica, propiciando o deslocamento do sujeito de seu enquadre no espelho materno.

Assim, há um deslocamento de um apelo simplesmente afetivo, ou seja, “mimetizado por todo o ser” (LACAN, 1953-54, p. 103) para um apelo verbalizado que implica uma resposta, inaugurando “uma primeira comunicação no sentido próprio, técnico, do termo” (*idem*) por onde a criança poderá simbolizar o mundo a sua volta.

É nesse sentido que compreendemos a transmissão da tradição (ideal do eu) e a lei da proibição internalizada pela criança (supereu) no exercício da palavra, componentes do que Lacan nomeou de “virtude da situação simbólica do Édipo” (LACAN, 1953-1954: p. 104).

O amor foi inicialmente pensado pela psicanálise (1912) a partir da ideia do amor de transferência e da necessária distinção do lugar do analista, apresentando uma modalidade específica do amor na condução da cura.

O lugar do analista foi articulado à frustração e ao acolhimento dos protótipos infantis do paciente atualizados durante o tratamento. Em nossa prática, a especificidade do amor de transferência se dá na contramão de um enamoramento. Uma vez que este tende a surgir no processo analítico como resistência.

Em 1914⁵, Freud afirmou o caráter narcísico da escolha amorosa de objeto e,

⁵ A esse respeito ver 'Introdução ao narcisismo' (1914). In: *O caso Schreber e os artigos sobre a técnica*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de

em 1921⁶, articulou o enamoramento à hipnose devido aos efeitos de rebaixamento da consciência no fenômeno do enamoramento. Entendemos, a partir de Jacques Lacan que, nessas duas abordagens, é a dimensão especular da captura de si no outro, base do amor narcísico, a referência fundamental para pensarmos o traumático que o encontro amoroso pode ser na adolescência.

A partir do ideal do eu, considerado por Lacan na perspectiva do simbólico em contraponto ao imaginário do eu ideal (especular), o antigo narcisismo revive, renasce em termos de narcisismo secundário. Isso significa também que há um deslocamento do primeiro modo de satisfação do *infans* vinculado à experiência de corpo próprio que se é para um outro (especular) em direção ao Outro.

Ou seja, o primeiro modo de satisfação se refere a esse lugar de sujeito-objeto de amor vinculado àquele a quem se endereça o desejo de reconhecimento de si próprio. Mas, a partir dos contornos significantes ou da incidência da palavra terceira nessa relação dual, se produz uma separação do eixo especular, um redimensionamento do lugar do sujeito-objeto a partir dos efeitos de separação entre um-outro, marcando, indelevelmente, a impossibilidade do Um e a presença do Dois.

No estado amoroso e na hipnose há, no entanto, uma redução do ideal do eu. Seja o olhar da pessoa amada para o enamorado ou a voz do hipnotizador para o hipnotizado, em tais situações, temos uma redução do ideal do eu a um objeto ou imagem.

Nesse sentido, o ideal do eu, que a princípio, em 1914, foi pensado como um prolongamento do modo de satisfação narcísica, ou seja, a marca do narcisismo nas relações objetais, pode nessas situações de enamoramento e hipnose, se configurar como um dilema especular na qual toda a existência do sujeito fica apensa ao campo

Sigmund Freud, 12).

⁶ Tema abordado em 'Psicologia de grupo e análise do ego'. (1921). In: *Além do Princípio de Prazer*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996. p. 77-55. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

do outro.

Em relação à specularidade e a captura de si no outro, a formulação lacaniana do estágio do espelho, construída a partir da teorização freudiana do narcisismo, assim esclarece:

Na simples imagenzinha exemplar da qual partiu a demonstração do estágio do espelho — o chamado momento jubilatório em que a criança, vindo captar-se na experiência inaugural do reconhecimento no espelho, assume-se como totalidade que funciona como tal em sua imagem especular — por ventura já não lembrei desde sempre o movimento feito pela criancinha? Esse movimento é tão frequente, tão constante, eu diria, que qualquer pode lembrar-se dele. Ou seja, a criança se volta, como observei, para aquele que a segura e que está atrás dela. Se nos esforçarmos por assumir o conteúdo da experiência da criança e por reconstituir o sentido desse momento, diremos que, através desse movimento de virada da cabeça, que se volta para o adulto como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande outro, que ratifique o valor dessa imagem. (LACAN, 1962-1963, p. 41)

Lacan discrimina o eixo da imagem do eu e o eixo do apelo ao outro na legitimação da imagem, possibilitando uma nova leitura da angústia a partir desse ponto de opacidade da imagem especular e, assim, inaugurando uma abordagem inédita do objeto *a*.

A ideia lacaniana do objeto *a* encontra um importante respaldo na impossibilidade da imagem gestáltica. Ou seja, somos fraturados em nossa imagem, incompletos, desamparados.

O objeto *a* está além dos domínios da specularidade e do narcisismo. Ele é considerado um objeto causa-resto do sujeito na medida em que é efeito da ruptura da imagem especular, objeto, portanto, destacado do corpo, objeto que não se projeta em imagem, irreduzível à simbolização do Outro e, portanto, fundamental na economia do desejo.

Esse objeto tem, assim, a estrutura da formulação freudiana do *objeto perdido*. É nesse sentido que a referência ao objeto não simbolizado na relação do sujeito ao outro lança luz sobre a dimensão do encontro amoroso articulado a uma falta irreduzível, impossível de ser tamponada.

Ao se debruçar sobre o sentido da expressão 'perda de objeto' Lacan, em seu Seminário *A angústia* (1964), esclarece – a partir de uma divisão no campo do outro entre o outro especular e o Outro simbólico da linguagem – que o mais angustiante é o embaraço do sujeito no campo do Outro (da linguagem) e não a sua relação com o objeto (desde sempre perdido).

Inclusive, é a partir desse ponto de perda, que o sujeito se endereça ao Outro nessa aventura da “aspiração de um meio intrinsecamente Outro” (LACAN, p. 355, 1962/63), ao qual o ser humano está destinado. Nesse sentido, Lacan enfatiza que o trauma de nascimento não é a separação da mãe. O trauma se refere a entrada do sujeito nesse lugar estrangeiro que é a linguagem, o campo do Outro, território de extimidade.

Em relação a expressão 'território de extimidade', encontramos na poesia de Antero de Figueiredo uma importante referência ao trabalho de adolecer a partir da ideia de um “afastamento da terra onde brincou, onde adolesceu”⁷. Ou seja, o adolescente é este que deverá afastar-se da terra onde brincou para situar-se ou 'pertencer-se no Outro' (face ao sexual/pulsional atualizado para além do edipianismo infantil), a partir de outro viés, de um viés êxtimo⁸, tal como apresenta a leitura freudiana dos remanescentes da vida sexual infantil e seus primeiros objetos de amor, rivalidade e renúncia.

⁷ A esse respeito, ver Aurélio, p. 55. Referência aos versos de Antero de Figueiredo em *Jornadas em Portugal*, p. 309.

⁸ A ideia de extimidade pode ser apreendida na consideração freudiana da puberdade como um túnel com abertura de dois lados (1905), introduzindo, logo de entrada, a perspectiva topológica do sujeito.

Um outro ponto que nos parece importante salientar é que o encontro com o outro sexo e com o corpo na puberdade reenvia o adolescente a reencontrar o objeto perdido das primeiras satisfações: "o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (FREUD, 1905, p. 209). Isso atualiza a experiência basilar da perda do objeto e presentifica a dimensão do estranho, tal como articulado no texto *O estranho* (1919).

Neste ensaio, ao utilizar o recurso literário e o exame do uso linguístico do termo *estranho*, Freud abordou o *unheimlich* — também traduzido como inquietante estranheza — a partir dos excertos apresentados pelo Dr. Theodor Reik, demonstrando a imparidade e o paradoxo do 'estranho', para além das qualidades estéticas do sentir que são o belo, o atraente, o medo, o horror.

Das significações que conduziram à proposição na qual o *heimlich* é idêntico ao seu oposto *unheimlich*, extraímos três referências: primeiramente, a ideia da presença de algo velho, que contingencialmente se torna reconhecido; em outra perspectiva, a referência ao estranho como *isso* que se impõe ao sujeito; e, em um terceiro viés, a ideia do estranho como maldição.

Essas três referências se articulam ao sentimento de estranheza próprio à compulsão à repetição considerada por Freud como um fenômeno clínico que apresenta a natureza mais íntima da pulsão. Em 1920, o obscuro conceito de pulsão de morte/compulsão à repetição, extraído do trabalho analítico, dos sonhos e das brincadeiras infantis, explicou este fenômeno que foi considerado o maior de todos os obstáculos à potência do trabalho analítico, indicando seu osso mais duro de roer, seu limite, seu maior desafio.

Vejamos. A compulsão se apresenta nos pensamentos indesejados, nos atos imotivados e incompreensíveis ao sujeito, nas culpas e remorsos inconscientes e, muito especialmente, nas 'neuroses de destino', apresentando-se como uma 'invasão

estrangeira' (FREUD, p. 248: 1917) na psicologia do neurótico. Não sem ironia, Freud relembra o caso de uma jovem senhora que se enamorou e se casou três vezes em sua vida. Curiosamente, todos os seus maridos morreram. Nesse sentido, o destino, a maldição, o *non sense* encontram na psicanálise uma nova leitura a partir da abordagem inconsciente, esse saber não sabido que age sobre o sujeito.

A ideia de repetição se articula à satisfação pulsional, primeiramente, porque prescinde do objeto, satisfazendo-se, portanto, em seu próprio circuito. Mas articula-se também aos resíduos não inscritos psiquicamente e que, por isso, devido a essa não inscrição/não tradução, se encontram condenados à repetição, desprezando o princípio do prazer que regula o aparelho psíquico (em sua tentativa constante de manter baixo o nível de tensão psíquica). Ou seja, na medida em que o sujeito não consegue traduzir inteiramente as experiências de sua vida, de seu corpo, de seu gozo, resta algo que insiste em incidir sobre o sujeito à sua revelia, independente de sua vontade ou de sua consciência.

É nesse sentido que o caráter de estranheira da pulsão é assinalado por Freud (1915) a partir da constância de sua força. Constância em relação à qual o sujeito não consegue estabelecer nenhum movimento de fuga: “como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para estímulo pulsional seria “necessidade” e para o que suspende essa necessidade, ‘satisfação’” (FREUD, 1915/1996, p. 19).

Lembramos que, na medida em que o estranho se articula à incidência constante da pulsão para além do objeto de satisfação, ele evoca também o desamparo. Ou seja, o sujeito é desamparado em relação à pulsão, em relação “a essa exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corpo” (FREUD, p. 25, 1915).

Para finalizar essa reflexão sobre o estranho, retomamos Lacan e suas

considerações sobre 'paradoxo de Zenão' no qual apresenta a impossibilidade do encontro entre Aquiles e a tartaruga, afirmando esta impossibilidade em termos de equivalência do gozo de um e de outro: “Estranho é uma palavra que tem a ver com estrangeiro, que poderia ser estranho, podendo decompor-se como estar anjo — ser anjo (...) o que nos inspira a ideia que no gozo, no gozo dos corpos, o gozo sexual tenha esse privilégio de ser especificado por um impasse” (LACAN, p. 17, 1972-73).

Bem, essas inquietantes estranhezas de cada sujeito encontraram um lugar na psicanálise. Inquietudes essas que tem, arriscamos dizer, morada na literatura. Vale lembrar que tanto Freud como Lacan localizaram nas artes em geral e na literatura em particular um lugar para dizer ou para alocar o indizível expresso pelos territórios do feminino, do gozo, do amor, do estranho. E Freud não se furtou a convocar cada um a se implicar com a causa de seu sofrimento, entrando em contato com sua legião estrangeira particular. Abordaremos, nas reflexões seguintes, a ideia de estrangeiridade estrutural de cada sujeito a partir da particularidade do encontro com a puberdade e dos fenômenos da fascinação e do suicídio.

Sobre a fascinação e seus demônios: “eu é um outro”

Retomando as articulações suscitada pelo diretor Christophe Honoré, vamos, nesse momento, trazer uma reflexão sobre a relação entre violência e paixão a partir do contexto no qual um adolescente se suicida dando um destino radical ao afeto que excede seu corpo transtornado pelo encontro amoroso, pois “é o corpo que nesse momento sofre o despertar de seus sonhos” (STEVENS, p.3, 2013).

Esse corpo tomado pelo fascínio é o mesmo corpo que cai como objeto na última cena do filme que inspirou esse trabalho. Mas, não sem antes buscar no pátio do colégio, entre os colegas, um olhar, um lugar. Perguntamo-nos, no contexto desse jovem, se o suicídio é uma resposta à fascinação amorosa no campo da atuação (mostração). Ou trata-se de uma passagem-ao-ato suicida (ruptura radical com o Outro)?

O caráter passional do encontro amoroso apresenta a fascinação e o aprisionamento imaginário do sujeito à sua imagem, nos levando a pensar que o *acting out* (mostração) pode ser uma abordagem privilegiada nos suicídios passionais na adolescência. Sustentamos essa ideia a partir da referência barthesiana na apresentação do desconhecido como um dos nomes dos lugares-limites no qual são lançados àqueles que foram tomados pelo encontro amoroso, dando ao amor sua conotação catastrófica: “projetei-me no outro com tal força que, quando este me falta, não posso me reencontrar, me recuperar: estou perdido para sempre” (BARTHES, p. 50, 1977).

Ao situar a relação do amante com o ser amado na discursividade amorosa, Barthes coloca acento na ruptura da imagem que, em última instância, concerne à ruptura de um lugar na linguagem, lançando o sujeito em um vazio de referência de si ou no deserto das palavras para situar seu ser. Nesse sentido, o lugar que o sujeito tinha na linguagem, lugar outrora reconhecido, ruidosamente, se torna estranho. E, aquele que está no campo do fascínio, termina restando estrangeiro em sua própria morada. É nesse contexto que se apresenta a relação entre perigo/amor/violência: “Eu-te-amo não é uma frase: não transmite um sentido, mas prende-se a uma situação-limite, aquela em que o sujeito está suspenso numa relação especular com o outro” (BARTHES, p. 175, 1977)

Retomemos Freud (1930) e sua abordagem do acontecimento amoroso também referido à fascinação e seus perigos. Ao contrapor à unidade do eu (em sua suposta autonomia) ao estado amoroso, ele assinalou um acontecimento específico, cuja ocorrência se dá no auge do estado de amor e equivalente ao rompimento da fronteira que delimita a unidade do eu em relação ao objeto:

Normalmente, não há nada que possamos estar mais certos do que do sentimento do nosso eu, do nosso próprio ego. O ego nos aparece como algo autônomo e unitário, distintamente marcado de tudo o mais. Há somente um estado – indiscutivelmente fora do comum, embora não possa ser estigmatizado como patológico – em que ele não se apresenta

assim. No auge do sentimento de amor a fronteira entre o ego e o objeto ameaça desaparecer (FREUD, p. 75, 1930).

Nesse sentido, o estado de fascinação caracteriza-se pelo sentimento de aniquilamento do eu e corresponde a ideia de perigo, de um mal que está por vir. Trata-se, portanto, de uma forte inquietude sofrida pelo sujeito diante do objeto amado. Objeto em relação ao qual se reconhece e, paradoxalmente, se desconhece. Faremos, agora, uma breve digressão ao tema da puberdade e seus outros para, *a posteriori*, retomarmos com novas diretrizes a discussão sobre adolescência, fascinação e suicídio.

Roland Barthes articulou a fascinação aos resíduos da vida infantil: “do passado é minha infância que mais me fascina (...) pois, não é o irreversível que nela descubro, é o irreduzível: tudo o que ainda está em mim” (BARTHES, p.34, 2003). Há, portanto, o residual, ou seja, os elementos inconscientes e marcantes da vida de cada sujeito e a possibilidade de trilhamentos outros a serem percorridos por ele na reedição na puberdade.

Essa reedição introduz a radicalidade do meio intrinsecamente Outro no qual o adolescente deverá realizar uma nova elaboração psíquica sobre seu ser e seu corpo, sua imagem e o que dela escapa, acrescida da tarefa de desligamento da autoridade dos pais e do posicionamento na partilha dos sexos, face ao seu ser de homem ou de mulher no campo da sexuação.

Sabemos que na puberdade há uma forte inquietação relativa ao despertar da pulsão e aos resquícios da vida sexual infantil, que após o período de latência, voltam a irromper na cena psíquica, reavivando as relações estabelecidas com os antigos objetos de amor e produzindo um aguçamento do conflito psíquico entre as instâncias do *isso*, do *eu* e do *supereu*⁹(1923).

9

Entendemos que esses conflitos parecem ter se aguçado atualmente, visto que a ancoragem simbólica do ideal do eu foi dificultada pela crise dos ideais. Nessa linha de pensamento, Dufourt (2005) esclarece que quando tínhamos um Outro consistente, quando o Nome-do-Pai funcionava como ideal em relação ao qual nos orientávamos, nossa resposta na busca de nossas conquistas aparecia no campo da frustração, da culpa e do movimento em direção a novas conquistas.

A partir do momento que a presença do Outro se liquefez, é a dimensão da vergonha e não da culpa que entra em cena. Ou seja, sem a mediação do ideal do eu, o sujeito é capturado na rede de imperativos contraditórios que emanam dos discursos fragmentados. Discursos que, por vezes, não ofertam ancoragem em semblantes ordenadores da vida. Semblantes que, sob a regência do Nome-do-Pai, justamente, poupam o sujeito da inflação narcísica própria ao imaginário.

Ao localizar o trabalho psíquico necessário a cada sujeito no encontro com a puberdade, Freud apresenta, primeiramente, a força da pulsão sexual e a atualização da relação edipiana, seguida da necessidade de separação do púbere da referência parental. Na adolescência, os velhos objetos incestuosos são retomados e catexizados libidinalmente. Ao mesmo tempo, a pulsão sexual (ao incidir sobre os corpos juvenis) faz suas exigências de tradução ao psiquismo.

Essa exigência de tradução é relativa à diferença entre os sexos e a conquista de um posicionamento, pois, conforme afirma Lacan em sua definição do Outro no seminário *Mais, ainda*, livro XX: “O homem, uma mulher, eu disse da última vez, não são nada mais que significantes. É daí, do dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função. (...) O Outro, na minha linguagem, só pode ser portanto o Outro sexo” (LACAN, p. 54, 1972-73). A tarefa do adolescente como tradutor inclui

A esse respeito ver O ego e o ID. (1923). In: *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e Outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-77. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

a separação entre o eu e o outro, o reposicionamento no campo da sexualidade do lado masculino ou feminino e tem como pano de fundo o desamparo referente à incidência do pulsional.

Na adolescência esse ofício de tradutor encontra no território da fascinação e seus demônios que caracteriza a catástrofe amorosa novos obstáculos: a queda das ancoragens simbólicas e o impossível de dizer. Ou seja, as ancoragens simbólicas tecidas na adolescência trazem sempre a marca do irreduzível da relação infantil com o par parental, permitindo-nos ler o despertar freudiano da pulsão como traumático, pois, conforme esclarece Lacadée, “na puberdade, o sujeito, cujo corpo se transforma, depara-se com essa parte de desconhecido, em face do qual as palavras desfalecem, a ponto de se chocar com o impossível de dizer que nos é ensinado pela clínica”. (LACADÉE, p. 74, 2011)

Retomemos, para finalizar nossas contribuições em diálogo com o filme de Cristophe Honoré, uma última reflexão sobre a adolescência a partir da seguinte pergunta: no auge do estado de amor o que está em jogo na radicalidade do ato suicida? Esta pergunta foi construída na tentativa de lançar alguma luz sobre a radicalidade do ato do jovem Otto que, ao saber que o amor de sua amada se destina a outro homem, não recuará (tomado que está pela traição do amor) em passar por todos os colegas no colégio, subindo até a laje e se jogando para a morte aos olhos de todos. Sem, entretanto, ser visto. Embora ele veja a si mesmo como nada. O que nos parece configurar uma delicada amarração entre invisibilidade e desejo de morte.

No contexto de suas “contribuições para uma discussão acerca do suicídio”, Freud, no debate com o humanista Ernest Oppenheim, apresenta uma discussão acerca do suicídio e a função da escola. Seu ponto de partida é a referência ao traumático e ao desamparo atualizado no encontro com a puberdade e as respostas construídas pela adolescência, respostas pautadas no ideal do eu. Nesse sentido, Freud nos diz que a função da escola seria a de não impelir seus alunos ao suicídio,

oferecendo-lhes apoio e amparo no momento em que os vínculos com a família são afrouxados.

Ele apresenta a dimensão do impasse sexual que acossa o adolescente e se presentifica entre os muros da escola, apontando a necessidade de referências simbólicas que contribuam para organizar o pulsional e a enxurrada de sentimentos e sensações que assolam o corpo e a vida. E, não nos parece sem importância, o fato de que o professor (Nemours), entendido a partir de Freud como substituto paterno necessário ao momento em que a autoridade e os ideais familiares entram em declínio, aparece na cena do filme como aquele a quem se dirige o amor da bela Junie, roubando a cena.

Para o jovem enamorado que se suicida (Otto), o professor (a quem nutre todo respeito) era uma referência fundamental com o qual se identificava como homem portador de um corpo, de uma palavra, de um sentimento de vida.

Digamos primeiro que é necessário que na adolescência se restabeleça este sentimento de vida, ou seja, que apesar do que muda em sua imagem corporal, seja possível reconstituí-la. Nem sempre é tão fácil, dar-lhe um espaço em que a angústia possa escoar; e quando não se consegue isto pode ser causa de suicídio para o adolescente. (STEVENS, p. 5, 2013)

O sentimento de vida pode ser abalado pela violência da relação especular, imaginária, que aprisiona o sujeito no eixo a-a', eixo da imagem/miragem do outro, eixo mortífero. Entendemos que é nesse sentido que Miller nos apresenta, paradoxalmente, o ato suicida de forma positivada:

No cerne de todo ato há um “Não!” proferido em direção ao Outro. O ato é sempre auto, quer dizer, ele é precisamente o que separa do Outro. O ato tem sempre o lugar de um dizer. Há, ainda assim, o suicídio acting out, que é apelo ao Outro e que, digamos, salvo imperícia, é falho; e o suicídio que é separação do Outro (MILLER, p. 6, 2011).

Nesse sentido, nos parece interessante para finalizar nossas considerações, o

desenvolvimento feito por Lacan sobre o que faz limite à violência da relação amorosa/especular, situado aqui como o registro da fascinação, apresentado a partir da relação entre o amor e a falta-a-ser. Conforme afirma Lacan: “o amor visa o ser, isto é, aquilo que, na linguagem mais escapa — o ser que, por um pouco mais, ia ser, ou, o ser que, justamente por ser, fez surpresa” (LACAN, 1972-1973, p. 55).

Essa referência à função de suplência do amor é contrária à referência especular, narcísica e mortífera do amor passional. Pois inclui, face à inexistência da relação sexual, a dissimetria entre os seres e seus sexos, o ponto limite da representação e a impossibilidade de fazer Um com o outro. Apostando, portanto, na possibilidade de que “mancos, mancando, eles cheguem, mesmo assim, a dar uma sombra de vidinha a esse sentimento dito de amor” (LACAN, p. 63, 1972-73).

Referências Bibliográficas:

- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leila Perrone Moisés. São Paulo: Estação liberdade, 2003.
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: 2011.
- DUFOUR, D. R. *A arte de reduzir as cabeças*. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- FOUCAULT, M. *O corpo utópico. As heterotopia*. São Pauli: n-1 edições, 2013.
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895) Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 80-113 . (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III).
- _____. *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (1910) Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 217-219. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI).
- _____. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 80-

113. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).

_____. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.117-149. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).

_____, *O estranho* (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.273-315 . (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII).

_____. *Além do princípio de prazer* (1920). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-78. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.79-145. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).

_____. *O futuro de uma ilusão* (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-63. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).

_____. *Mal estar na civilização* (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-174. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).

LACADÉE, Philippe. *O despertar e o exílio*. Ensinaamentos psicanalíticos da mais delicada das transições: a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.p. 7-163.

LACAN, J. O seminário, livro I: *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994 (1953-1954)

_____. O seminário, livro II: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985 (1954-1955)

_____. O seminário, livro X: *A angústia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005 (1962-1963)

_____. O seminário, livro XX: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (1972-1973).

MILLER, J. A. Do amor à morte. In *Revista Opção Lacaniana online*, ano 1, numero 2, julho 2010. http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Do_amor_a_morte.pdf. Acesso

em maio de 2015.

STEVENS, A. Quando a adolescência se prolonga. *Revista Opção Lacaniana online*, ano 4, número 11, julho 2013. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero11/texto5.html>. Acesso em maio de 2015.

A BELA JUNIE, Direção: Christophe Honoré. Roteiro: Christophe Honoré e Gilles Taurant. Le Pacte, 2008. DVD (1h e 37min). NTSC, color. Título original: La belle persone.